



NATALIE
HAYNES

FINALISTA DO WOMEN'S
PRIZE FOR FICTION



O OLHAR DA
MEDUSA

«Belo e comovente.»

• Neil Gaiman

«Espirituoso, apaixonante, implacável.»

• Margaret Atwood

Lista de personagens

Esteno, Euríale, Medusa — as Górgonas —, filhas dos deuses do mar, Ceto e Fórcis. Vivem na costa norte de África

Atena, deusa da guerra; filha de Métis, uma das primeiras deusas da mitologia, e Zeus, rei dos deuses do Olimpo

Posídon, deus do mar, irmão de Zeus, tio de Atena

Anfitrite, deusa do mar, mulher de Posídon

Hera, rainha dos deuses do Olimpo; mulher de Zeus

Gaia, deusa da terra, mãe dos Titãs e dos gigantes, incluindo **Alcioneu, Porfírión, Efiáltes, Eurito, Clítio, Mimas e Encélado**

Hefesto, deus ferreiro; filho de Hera (mas não de Zeus)

Hermes, deus mensageiro

Hécate, deusa da noite e das bruxas

Deméter, deusa da agricultura e mãe de **Perséfone**

Moiras, irmãs que determinam os destinos

Greias — **Dino, Énio, Péfredo** —, personificações dos espíritos do mar; partilham um único olho e um único dente

Hespérides, ninfas que vivem no jardim e têm como missão proteger as maçãs douradas que pertencem a Hera. Além disso, tendem a ter tudo o que pode ser necessário para uma missão

Nereidas, cinquenta ninfas do mar com temperamentos voláteis

Zeus, rei dos deuses, marido de Hera

Mortais

Dánae, filha de Acrísio, um rei grego menor

Díctis, amigo de Dánae; irmão de **Polidectes**, rei de Sérifo, uma pequena ilha grega

Perseu, filho de Dánae e Zeus

Cassiopeia, rainha da Etiópia; mulher de Cefeu

Andrómeda, filha de Cassiopeia e Cefeu

Erictónio, rei lendário de Atenas

Iodame, uma jovem sacerdotisa de Atenas

Outros

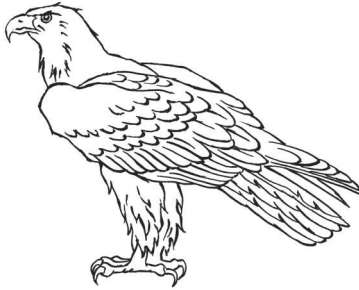
Cornix, um corvo falador

Elaia, olival em Atenas

Herpeta, serpentes

Parte Um

Irmã



Gorgonião

Eu vejo-vos. Vejo todos aqueles a que os homens chamam monstros.

E vejo os homens que lhes chamam isso. Que se proclamam heróis, claro.

Vejo-os por um instante. Logo a seguir, desaparecem.

Mas é o suficiente. Suficiente para saber que o herói não é aquele que é amável, corajoso ou leal. Por vezes — nem sempre, mas por vezes —, o herói é monstruoso.

E o monstro? Quem é ela? Ela é o que acontece quando alguém não pode ser salvo.

Este monstro em particular é agredido, insultado e denegrido. No entanto, como sói rezar a história, é este monstro que o leitor deve temer. Ela é o monstro.

Veremos.

Panopeia

Tão longe quanto é possível aproximarmo-nos do Sol a pôr-se, existe um sítio em que o mar adentra a terra num meandro apertado. É lá que a Etiópia encontra Oceano: a terra mais longínqua e o mar mais distante. Se lhe fosse possível voar sobre ele, vê-lo como os pássaros o veem, este canal (que não é um rio porque corre na direção oposta, o que se pode considerar parte da sua magia) enrosca-se como uma víbora. Teria voado sobre as Greias, embora isso lhe pudesse passar despercebido, uma vez que elas se recolhem na sua caverna para não tropeçarem nos penhascos rochosos e caírem no mar revolto. Sobreviveriam a tamanha queda? Claro: são imortais. Mas nem um deus desejaria passar a eternidade a ser lançado pelas ondas contra as rochas.

Teria também passado pelo lar das Górgonas, que não vivem longe das Greias, suas irmãs. Digo que são irmãs, mas elas nunca se conheceram. Estão ligadas — embora não o saibam ou o tenham esquecido há muito — pelo ar e pelo mar. E, agora, também por si.

Terá ainda de viajar para outros lugares: o Monte Olimpo, claro. A Líbia, como virá a ser conhecida pelos egípcios e, mais tarde, pelos gregos. Uma ilha chamada Sérifo. Talvez lhe pareça uma viagem demasiadamente intimidante. Mas o lugar em que

se verá será já o fim da Terra, pelo que terá de encontrar o caminho de volta. Não está longe das Hespérides, mas imagino que elas não estejam dispostas a ajudá-lo, mesmo que conseguisse encontrá-las (não conseguirá). Ou seja, terá diante de si as Górgonas. Ou seja, terá Medusa diante de si.

Métis

Métis mudou. Se a pudesse ter visto imediatamente antes de ela se aperceber da ameaça, teria visto uma mulher. Alta, esguia, com um denso cabelo preto, entrançado, a cair nas costas. Os seus grandes olhos estavam pintados. Havia uma vivacidade na forma como o seu olhar parecia incidir em tudo ao mesmo tempo: mesmo quieta, Métis estava alerta. E tinha as suas defesas. Que deusa não as teria? Porém, Métis estava mais bem preparada do que a maioria, apesar de não estar armada com flechas, como Ártemis, nem com uma raiva precariamente contida, como Hera.

Assim, ao sentir — e não ao ver — que estava em perigo, transformou-se em águia e voou alto, e sob as penas douradas das suas asas sentiu a brisa suave do Sul. Mas mesmo com esse olhar aguçado, Métis não via o que lhe arrepiara a nuca quando estava na forma humana. Voou em círculos algumas vezes, mas nada houve que se lhe tenha revelado. Acabou por descer dos céus e pousar num cipreste, virando o pescoço musculoso em todas as direções, pelo sim, pelo não. E aí se deixou ficar empoleirada, a pensar.

Voou então dos ramos altos para o solo arenoso, abrindo pequenos sulcos na terra com as garras ao pousar. E deixou de ser uma águia. O bico curvo contraiu-se e as pernas plumadas

desapareceram debaixo de si. À medida que um corpo musculado se transformava noutra, só a inteligência no olhar rasgado se mantinha constante. Rastejava agora sobre as pedras. Uma faixa castanha em ziguezague decorava-lhe as escamas dorsais; a barriga, da cor de areia clara. Serpenteou pelo chão tão depressa como voara pelos céus. Ao parar debaixo de uma grande figueira-da-índia, cingiu o corpo à terra para tentar sentir a fonte de desconforto que não conseguira detetar enquanto águia. Ainda assim, nem vendo as ratazanas que viviam dos restos de comida de um templo próximo fugirem dela a sete pés conseguia sentir os passos da criatura de quem devia fugir. Não sabia o que fazer.

Deixou-se ficar debaixo do cato durante muito tempo, desfrutando do calor da terra e não permitindo que nada em si se movesse a não ser os olhos. Sabia ser quase invisível. Era mais veloz do que a maioria das outras criaturas, e o seu veneno era devastador. Nada tinha a temer. Ainda assim, não se sentia segura. E não podia ficar ali, ser uma serpente eternamente.

Desenroscou-se da base do cato e dirigiu-se para a sombra dos ciprestes. De súbito, empinou-se e voltou a transformar-se. O ziguezague das escamas fendeu-se e transformou-se em pintas, as escamas perderam a rudeza e tornaram-se pelo áspero. Despontaram orelhas e, na extremidade das pernas possantes, surgiram patas e garras. A pantera era linda, abanando a cauda para enxotar as moscas. Começou por caminhar devagar, notando cada pedra que pisava. E de novo sentiu as ondas de alarme que produzia nos animais mais próximos. Mas, mais uma vez, não era capaz de afastar o seu próprio medo. Correu por entre as árvores cada vez mais depressa. As ervas emaranhavam-se no seu pelo, mas isso não lhe abrandava o passo. E havia quem ou o que a conseguisse apanhar? Não. Animou-se com o poder que tinha. Sentiu-se sem peso, músculo puro em perseguição da presa. E depois foi apanhada.

Zeus estava em toda a parte e em parte nenhuma ao mesmo tempo. Não seria capaz de fugir à nuvem brilhante que a envolvia.

Quase cega, pestanejou, uma vez que os olhos felinos não toleravam tanta claridade, e voltou a transformar-se em serpente, parecendo-lhe que a nuvem se adensava e aproximava. Tentou esgueirar-se por debaixo dela, mas não havia sequer um debaixo por onde fazê-lo. A nuvem emanava de todo o lado, tanto do chão como do ar. Tentou fugir-lhe, ser mais rápida do que ela, mas, para onde quer que se virasse, a nuvem era mais e mais impenetrável. O brilho era insuportável: os olhos doíam-lhe, malgrado a película que os cobria. Fez uma última tentativa de se libertar, mudando novamente de forma em rápida sucessão: águia, mas não era capaz de voar sobre a nuvem; javali, mas não conseguia foçar por entre a nuvem; gafanhoto, mas não conseguia esquivar-se dela; pantera uma vez mais, mas voltou a não conseguir vencer a sua velocidade. A nuvem começou a solidificar-se e ela sentiu-se esmagada. Os músculos contraíam-se sob a pressão e ela não teve outra opção senão diminuir: doninha, rato, cigarra. Ainda assim, a pressão aumentava. Métis fez uma última tentativa: formiga. E foi então que ouviu a sua voz odiosa, que lhe dizia ser impossível fugir. Ela já sabia o que tinha de fazer para travar a dor. Sujeitar-se a uma outra. Vencida, por fim, desistiu e regressou à sua forma original.

Enquanto Zeus a violava, Métis imaginou ser uma águia.

*

A única vantagem da incontinência sexual de Zeus, pensou muitas vezes a sua mulher, Hera, era a extrema brevidade de cada caso. O desejo, a perseguição e a satisfação eram tão passageiros que ela quase se conseguia convencer de que eram irrelevantes. Se ao menos não acabassem sempre em descendência. Eram cada vez mais deuses e semideuses, cuja existência não tinha qualquer outra razão senão confirmar-lhe a infidelidade indiscriminada do marido. Até ela, uma deusa com uma reserva quase ilimitada de despeito, mal conseguia

acompanhar o número de mulheres, deusas, ninfas e crianças chorosas que tinha de perseguir.

Regra geral, não tinha de prestar atenção à antiga mulher dele. Preferia nem sequer pensar em Métis, mas, quando o fazia, era com uma ligeira irritação. Ninguém gosta de ficar em segundo ou terceiro lugar, e Hera não era exceção. Métis fora mulher de Zeus muito antes de Hera se interessar pela ideia. Estavam separados há tanto tempo que já todos se haviam esquecido de que tinham chegado a ser casados. Nos dias bons, Hera não pensava no assunto. Nos dias maus, via-o como traição. Parecia-lhe particularmente descabido que qualquer deusa pudesse reivindicar prioridade sobre ela, Hera, consorte de Zeus, só por ter chegado primeiro. E uma vez que Hera tinha muito mais dias maus do que bons, não gostava de Métis. Contudo, como tinha de se debater com muitas outras provocações, ignorava o sentimento.

Fora Métis, claro, quem aconselhara Zeus na guerra contra os Titãs. Fora Métis quem ajudara Zeus na batalha com Cronos, pai dele. Métis era astuta e tinha sempre um plano na manga. Hera não tinha dúvidas de que era tão industriosa como a antecessora, mas as circunstâncias obrigaram-na a usar os ardis que engendrara contra Zeus, ao passo que Métis lhe tinha oferecido a sua sabedoria como presente. Hera sorriu. Não lhe servira de muito. Hera substituíra-a. Quem é que ainda pensava em Métis ao lado de Zeus? Quem duvidava da superioridade da irmã e mulher dele, Hera, rainha do Monte Olimpo? Nenhum mortal ou deus ousaria fazê-lo.

E isso fazia com que a traição de Zeus com a anterior mulher a deixasse ainda mais furiosa. O rumor correra entre deuses e deusas como uma brisa em torvelinho. Ninguém se atrevera a ser o mensageiro de tal notícia, mas ela teve conhecimento do facto, ainda assim. O seu desprezo pelo marido crescia a cada nova revelação, pelo que resolveu avançar com a sua vingança. Zeus andava muito calado nos últimos dias, muito possivelmente na esperança de que, evitando a mulher, esta acabasse por esquecer

a raiva que sentia. Ao ouvi-lo regressar, Hera sentou-se numa larga e confortável cadeira no seu quarto, no fundo dos ecoantes salões do Olimpo, e pôs-se a olhar distraidamente para as unhas das mãos. Dispôs as pregas do vestido de forma a revelarem mais do que os tornozelos, e puxou o decote um pouco para baixo.

— Marido — disse, quando Zeus entrou no quarto com uma expressão ligeiramente desonesta no cenho majestoso.

— Sim?

— Estava tão preocupada contigo.

— Bem, eu estava... — Zeus aprendera com o tempo que era melhor deter-se a meio de uma frase do que mentir à mulher. A capacidade que ela tinha de descobrir os seus ludíbrios era uma das características que ele menos lhe apreciava.

— Eu sei onde estavas — disse ela. — Toda a gente fala sobre isso.

Zeus anuiu. Não tinha dúvidas acerca disso: ninguém mexericava mais do que os deuses do Olimpo. Desejou ter o poder de os deixar mudos a todos, pelo menos àqueles que tinha criado. Perguntou-se se seria possível fazê-lo retrospectivamente.

Hera ficou com a impressão de que não estava a receber a atenção total de Zeus.

— E estava preocupada — repetiu.

— Preocupada? — Ele estava ciente de que era uma armadilha, mas, às vezes, era mais fácil atirar-se de cabeça.

— Preocupada com o teu futuro, meu amor — murmurou ela, antes de, com naturalidade, se mexer de modo a que o vestido se abrisse um pouco mais.

Zeus tentou avaliar a situação. A sua mulher era frequentemente irascível e, por vezes, sedutora, mas ele não se lembrava de nenhuma ocasião em que ela tivesse sido ambas ao mesmo tempo. Aproximou-se ligeiramente, para o caso de ser o passo certo a dar.

— O meu futuro? — perguntou, enquanto estendia a mão para lhe puxar um dos caracóis em jeito de provocação. Ela levantou a cabeça para o encarar.

— Sim. Ouvi notícias tão terríveis sobre os filhos de Métis. — Ela sentiu-o a empertigar-se por um momento, antes de os dedos voltarem a acariciar-lhe o cabelo. Zeus estava a fingir o melhor que podia. — Foi Métis, não foi? Desta vez?

Hera não conseguiu evitar a inflexão da voz e Zeus não demorou a envolver a mão nos caracóis da esposa. Ela sabia que ele não hesitaria em arrancar-lhe o cabelo do escalpe se ela não tivesse cuidado.

— Estava apenas a perguntar-me se te poderás realmente ter esquecido do que ela te disse uma vez sobre os filhos dela — suspirou Hera. — Que iria ter um filho capaz de te derrubar.

Zeus não disse nada, mas ela sabia que a farpa lançada deixara marca. Como é que ele podia ter sido tão estúpido? Ele derrubara o pai — com a ajuda de Métis, ainda por cima —, e o seu próprio pai fizera o mesmo antes dele. Como é que ele se podia ter esquecido do que a própria Métis lhe tinha dito quando ainda eram casados? Como?

— Tens de agir depressa — acrescentou Hera. — Ela disse-te que iria ter uma filha cuja sabedoria só seria superada pela do pai. E, depois dela, um filho que seria rei de deuses e mortais. Não podes correr esse risco.

Mas Hera estava a falar para o vazio, pois o marido já tinha desaparecido.

*

Na segunda vez que Zeus foi ter com ela, Métis não se tentou esconder. Sabia o que iria acontecer e sabia que não podia fugir-lhe. A única coisa que lhe restava era esperar que a filha (teria sabido que era uma filha mesmo sem os dons proféticos; sentia-o) sobrevivesse. Saberá ela que seria assim que tudo iria passar-se ao dizer ao marido, havia tanto tempo, que poderia carregar no ventre uma filha, e depois um filho, capazes de subjugar o pai? Ela conhecia os medos de Zeus melhor do que ninguém.

O rei dos deuses estava disposto a fazer o que fosse necessário para assegurar que o filho de ambos nunca havia de nascer.

Voltou a sentir-se rodeada pela luz mais brilhante, pelo interior de um relâmpago. Voltou a sentir a pressão para se tornar cada vez mais pequena: pantera, serpente, gafanhoto. Mas, desta vez, não sentiu dor. Só uma escuridão repentina e envolvente, assim que Zeus a agarrou com a sua enorme mão. E, de seguida, a estranha sensação de estar no interior da nuvem negra que sucede ao relâmpago. Era uma escuridão que nunca iria ter um fim. Percebeu que Zeus a tinha consumido, engolido por inteiro. Tanto ela como a filha estavam dentro do rei dos deuses, sem forma de escapar. E ao perceber e aceitar que seria este o seu destino, sentiu algo dentro de si, dentro de Zeus, a resistir.

Esteno

Esteno não era a irmã mais velha, pois não pensavam no tempo dessa forma. Mas foi a que ficou menos horrorizada quando o bebê foi deixado na costa, junto à caverna onde viviam. Euríale ficara tão desconcertada como chocada: de onde teria vindo a criança? Que mortal se atreveria a aproximar-se do covil das Górgonas para ali a abandonar? Esteno não tinha respostas para todas as perguntas que lhe assaltavam o espírito, e durante algum tempo limitaram-se a observar a criatura, perguntando-se o que deveriam fazer.

— Podemos comê-la? — perguntou Euríale.

Esteno ponderou sobre a questão durante alguns segundos.

— Sim — respondeu ela —, acho que podemos. Mas é pequena. — A irmã dela anuiu, desanimada. — Podes ficar com ela. Eu já... — Não precisava de terminar a frase. A irmã conseguia ver a pilha de ossos ao lado dela.

As irmãs não comiam por sentirem fome: as Górgonas eram imortais, não precisavam de alimento. No entanto, os dentes afiados, as asas poderosas, as pernas fortes, tudo nelas tinha sido desenhado para a caça. E quem caça não quer deixar de comer a presa. Voltaram novamente o olhar para o bebê. Estava de costas, na areia, com a cabeça apoiada num tufo de erva. Esteno não precisava que a

irmã dissesse em voz alta o que estava a pensar: enquanto presa, a criança era profundamente insatisfatória. Não estava a fugir, nem se tinha tentado esconder por entre a erva mais alta.

— De onde terá vindo? — perguntou Euríale novamente. Levantou a enorme cabeça, examinando minuciosamente as rochas mais acima com os olhos bolbosos. Não se via viva alma.

— Deve ter vindo da água — respondeu Esteno. — Os mortais não conseguem orientar-se sem a ajuda divina. E, mesmo que conseguissem, não se atreveriam a vir para aqui. O bebé foi-nos trazido do mar.

Euríale assentiu e bateu as asas. Percrutou o oceano. Nenhuma embarcação poderia ter navegado para fora de vista no tempo que lhes levaria a encontrar o bebé. Tinham ouvido um ruído que lhes despertara a atenção e saído da caverna. Nenhuma embarcação, nenhum nadador seria capaz de lhes ficar invisível tão depressa.

— Não sei — disse Esteno, pressentindo os pensamentos da irmã. — Mas... olha.

Apontou para o bebé, e Euríale reparou no círculo de areia húmida debaixo da criança e o rasto de algas que conduzia ao limiar da água.

Ficaram sentadas em silêncio, a pensar.

— Pode ter sido deixada ali pelo... — Euríale olhou de relance para a irmã, sem querer sentir-se estúpida.

Esteno encolheu os ombros largos, sentindo uma leve brisa roçar-lhe as asas.

— Não sei quem mais o poderia ter feito — comentou Esteno. — Deve ter sido Fórcis.

Os olhos bojudos de Euríale arregalaram-se.

— E porque é que ele havia de fazer isso? — perguntou. — Onde é que ele poderá ter ido buscar uma criança? A um barco naufragado?

As Górgonas sabiam muito pouco sobre o pai. Um velho deus que vivia nas profundezas do oceano com a mãe delas, Ceto.

Tiveram muitos filhos além de Euríale e Esteno: Cila, uma ninfa com seis cabeças de cão e as seis bocas traiçoeiras que vivia numa caverna alta junto ao mar, da qual emergia para comer marinheiros; a orgulhosa Equidna, metade ninfa, metade serpente; e as Greias — três irmãs que partilhavam um só olho e um só dente —, que viviam numa caverna algues, num lugar que as próprias Górgonas hesitariam em visitar.

Esteno e a irmã aproximaram-se da criança. O mar sussurrava atrás delas. O bebé tinha sido deixado muito acima do alcance da maré. Esteno apontou para o rasto molhado que conduzia até ele: havia concavidades paralelas de ambos os lados.

Euríale assentiu com a cabeça.

— Foi o pai — disse. — Aquilo são as marcas das garras dele, de certeza.

Ao aproximarem-se, Esteno reparou que a criança estava a dormir em cima de um molho de algas mortas: teria o pai dela juntado as algas para formar uma espécie de cama? Na cabeça dela, a batalha entre o que via e tudo o que achava saber intensificou-se. A ideia de Fórcis a fazer algo tão — Esteno procurou a palavra — *mortal*, como deitar um bebé num berço improvisado, era impensável. No entanto, as marcas das garras dele estavam ali, em cada um dos lados do rasto largo deixado pela cauda de peixe. E lá estava o bebé, deitado em segurança longe da água, a dormir num molho denso de algas translúcidas e mortas. Como peles de serpentes vazias, espalhadas pela areia, pensou.

Só quando estavam mesmo em cima da criança, algo que, para Euríale, pouco mais era do que uma visitante indesejada e uma parca refeição, é que as duas irmãs perceberam que Fórcis a tinha deixado ali por uma razão.

— Ela tem...

Euríale agachou-se e inclinou a cabeça para ver melhor os ombros da criança. Só conseguiam ver um pouco das costas dela por entre as algas, mas a irmã tinha razão. A bebé tinha asas.



As Górgonas demoraram um dia inteiro a aceitar que tinham acabado de receber outra irmã: uma irmã mortal. E demoraram vários dias a aprender como não a matar acidentalmente.

— Porque é que está a chorar? — perguntou Euríale à irmã, enquanto dava palmadinhas à bebé, de garra cuidadosamente encolhida para não a magoar.

Esteno olhou para a irmã, alarmada.

— Não sei — disse. — Há maneira de perceber alguma coisa que os mortais façam? — Tentaram pensar em mortais que pudessem ter visto a comportar-se de forma parecida, mas nenhuma delas se conseguiu lembrar de um que fosse. Na verdade, não se lembravam sequer de alguma vez terem visto uma criança humana, mas, subitamente, Euríale recordou-se do ninho de corvos-marinhos que existia nas rochas. O corvo-marinho tinha crias, disse a Esteno, que anuiu como se se lembrasse.

— As crias faziam um barulho terrível — comentou Euríale. — E a mãe alimentava-as. — A boca larga desfez-se num trejeito. Euríale esvoaçou para longe até chegar aos povoamentos mais próximos. Voltou com uma ovelha roubada debaixo de cada braço.

— Leite — disse ela. — Eles dão leite aos bebés.

E, assim, embora fossem deusas, aprenderam a alimentar a irmã. Ao fim de algum tempo, Esteno percebeu que já não se conseguia lembrar da casa sem um pequeno rebanho de ovelhas com cornos em caracol a caminhar sem dificuldade sobre o solo rochoso. Até Euríale — que, no passado, percorria os céus em busca de presas, as quais fazia questão de apanhar com as maxilas poderosas e cujos ossos esmagava para sentir o prazer de os ouvir a estalar — parecia gostar de olhar para elas. Um dia, uma águia tentou apanhar um dos cordeiros e Euríale subiu aos céus para o defender. A águia foi demasiado rápida, e ela regressou de mãos vazias, aparte algumas penas da ave que caíam na areia. No entanto, a águia não se atreveu a voltar.

Durante alguns dias, Esteno ainda pensou que Fórcis poderia voltar para explicar o seu comportamento ou para lhes levar uma mensagem da mãe, Ceto, mas ele nunca apareceu. As duas Górgonas tinham opiniões diferentes sobre este facto: Euríale sentia-se orgulhosa com o facto de os pais confiarem suficientemente nelas para deixarem aquela curiosa criança mortal ao seu cuidado; já Esteno pensava que o pai lhes tinha deixado a criança na esperança de que fracassassem. Era impossível para os deuses olharem para os mortais e não sentirem alguma espécie de repulsa. Esteno amava a nova irmã da mesma forma que amava Euríale. Ainda assim, tinha de conter um arrepio quando notava as mãos e os pés horrorosamente pequenos e as unhas repugnantes da irmã. Fosse como fosse, e mesmo que alguma coisa tivesse corrido mal com o seu nascimento, Medusa também era uma Górgona. E talvez viesse a melhorar com o tempo.

Pois havia outro desenvolvimento perturbador. A bebé estava sempre a mudar, a crescer e a metamorfosear-se diante dos seus olhos, como Proteu. Assim que se acostumavam a um traço inexplicável da criança, ela desenvolvia um novo. Carregavam-na para todo o lado, pois ela não conseguia andar sozinha. Depois, de um momento para o outro, já gatinhava. Começavam a habituar-se a vê-la assim e ela deixou de gatinhar e começou a andar. As asas cresceram juntamente com o resto do corpo, e foi um alívio para as irmãs descobrir que, ainda que não conseguisse voar muito bem, não teria de ficar completamente confinada à terra. Euríale confessou que, apesar de tudo, as asas a lembravam de que eram irmãs. Sentiram um breve assomo de esperança quando os dentes de Medusa apareceram, mas eram pequenos e estavam mesmo no interior da boca, ao contrário das defesas que elas possuíam. Poderia usá-los para mastigar, mas qual era a utilidade disso?

Dado que Medusa não parava de mudar, as irmãs tiveram de se adaptar. Esteno aprendeu a fazer pão, pois o leite já não satisfazia a irmã. Ficavam as três de olhos fixos na massa, que borbulhava e inchava em cima da rocha plana e larga que tinham

equilibrado sobre a fogueira. Euríale tinha estado a observar as mulheres que executavam essa mesma tarefa, e chegara com instruções e conselhos. Quanto mais o tempo passava, mais elas davam por si a copiar os humanos que viviam por perto.

*

Os mortais sempre temeram as Górgonas, mas o sentimento não era recíproco. Embora as suas irmãs, as Greias, vivessem numa caverna o mais longe da Humanidade que lhes era possível, as Górgonas viviam onde queriam e as pessoas evitavam-nas. Nenhuma das irmãs se lembrava do motivo pelo qual tinham escolhido aquele lugar em particular, na costa da Líbia, mas já o consideravam a sua casa. Tinham uma praia ampla e arenosa, ladeada por enormes rochas descoradas pelo sol, salpicadas aqui e ali por tufos de erva grossa. As rochas constituíam excelentes postos de observação: uma escalada difícil para um mortal, mas um voo fácil para uma Górgona, que não demorava a atingir os pontos mais altos para olhar para o mar, para as aves que mergulhavam com os seus bicos afiados em busca de peixes, para perscrutar a terra vermelho-vivo, coberta de vegetação verde-escura. E a rasgar a extremidade mais longínqua da costa havia um penhasco deixado por um dos terremotos de Posídon que, por pouco, não dividia a terra em duas. A rocha era mais elevada no lado da gruta onde as Górgonas viviam, mas não muito. Não obstante, dava-lhes a ambas uma sensação implícita de que tinham escolhido o lado certo, o lado mais alto da costa para elas.

A Líbia era uma terra de muitas criaturas: o gado e os cavalos, trazidos por povos que tinham assentado arraiais nas redondezas, eram os vizinhos mais próximos das Górgonas. Euríale lembrava-se de um tempo em que não havia humanos a menos de um dia de voo do seu recanto costeiro. Costumavam estar mais longe, mas algo tinha mudado. Perguntou a Esteno se ela se conseguia lembrar do que tinha acontecido, mas não adiantava

perguntar o que fosse a Esteno sobre assuntos como aquele. Para Esteno, o mundo era tão imutável como elas. Mas até as Górgonas tinham mudado, disse Euríale: eram duas e passaram a ser três. Esteno encolheu os ombros e limitou-se a dizer que talvez fosse do clima. Os humanos preocupavam-se com o clima, não era assim? Porque tinham animais para criar e culturas para cultivar. E talvez fosse essa a diferença. A terra era mais seca e mais quente do que no passado. Euríale lembrou a irmã de um tempo em que voavam sobre grandes extensões de verde, vibrante de sons: a conversa das andorinhas, o chamamento dos abelharucos e o canto das cotovias-de-poupa. Em que pousavam ao lado de um enorme lago e viam as cegonhas banharem-se nas águas. Esteno assentiu com a cabeça, insegura. Nunca contestava a memória da irmã, mas nem sempre partilhava da sua clareza.

Ao poucos, Esteno foi concordando que os vizinhos se tinham mudado para mais perto da costa, mais perto do mar. Mas a praia isolada onde viviam continuava a ser privada, dada a sua acessibilidade, e, de qualquer forma, os homens contavam histórias uns aos outros sobre as criaturas que acreditavam ter vislumbrado por lá. Monstros das profundezas com enormes bocas, defesas ferozes, asas coriáceas: rápidas, fortes e sempre temíveis. Tinham júbis como as dos leões, cabelo feito de serpentes, cerdas como javalis selvagens. As Górgonas eram tudo e nada para a maioria dos mortais, disse Esteno. Podia lembrar-se de menos do que Euríale, mas compreendia mais.

Por isso, os homens evitavam o lugar, a praia e o mar, as rochas e a caverna onde elas viviam. A caverna que Esteno achava terem escolhido por causa de Medusa. Euríale sabia que viviam ao lado dela antes de Medusa ser irmã de ambas, mas nunca o mencionava. A caverna passou a ser o lar de Medusa assim que ela teve idade suficiente para a explorar. As Górgonas adoravam o calor: Esteno e Euríale eram capazes de estar deitadas sob o sol escaldante durante horas, abrindo as asas e permitindo que o calor as atravessasse. Já Medusa semicerrava os olhos quando o dia era

mais claro e ficava com a pele demasiado quente. Em pequena, encontrava sombra debaixo das asas abertas das irmãs, mas à medida que foi crescendo, começou a passar cada vez mais tempo a conhecer os recantos da caverna — os muitos túneis e caminhos, e a forma como a fraga visível da areia também se encontrava nos confins mais escuros da caverna —, e conhecia-os tão bem que, quando o sol aquecia em demasia, beijava os rostos hirsutos das irmãs e recolhia-se no ar fresco para dormir.

Esteno não tinha nenhuma filha, mas sentia-se mãe de Medusa e sabia que Euríale sentia o mesmo. E, embora não tivesse escolhido as emoções que sentia, tentou não ficar horrorizada com elas. A perplexidade e a repulsa que Medusa provocara inicialmente em ambas as irmãs dissipara-se. Contudo, a ansiedade mantinha-se. Esteno nunca sentira um resquício de medo na vida antes de ser responsável por uma criança. O que poderia uma Górgona como ela temer? Os homens? Os animais? A ideia era absurda. E nunca sentira medo por outra criatura até à chegada de Medusa. Nunca sentira uma sombra de preocupação que fosse quando Euríale saía para caçar ou explorar: a irmã era capaz de se defender de qualquer ataque, tal como ela. E depois chegou Medusa, que podia magoar-se com qualquer coisa, até com uma pedra.

Teriam todas as crianças membros tão delicados quando eram pequenas? Cairiam todas assim, sem avisar? Verteriam todas sangue quando embatiam contra alguma coisa dura? Por muito esquecida que fosse, Esteno lembrava-se de uma coisa: o pavor terrível que a assaltara quando Medusa se emaranhou nas ervas que o rebanho delas atravessava sem dificuldade. Medusa estava a brincar nas rochas mais altas, a exhibir as asas que lhe permitiram voar pelo pequeno caminho que não conseguia trepar. A queda de Medusa foi súbita e breve em direção a uma rocha saliente que rasgava a areia mais abaixo. Esteno não era capaz de dizer que idade tinha a irmã, mas ainda não chegava sequer à altura da anca de Euríale. O som que ela fizera: Esteno e Euríale

trocaram um olhar silencioso, cada uma adivinhando o que a outra pensava. Seria aquele o momento em que a irmã se revelaria uma verdadeira Górgona? O momento em que Medusa soltaria finalmente o mesmo uivo imorredouro que Esteno era capaz de produzir sem qualquer esforço, se decidisse abrir a boca larga e gritar?

Não foi. Não foi um momento de demonstração de força, mas de fraqueza. O uivo foi desanimadoramente curto, uma vez que a pequena Medusa teve de inspirar para ir buscar o fôlego de que precisava para o manter. A respiração era uma debilidade terrível. E depois o sangue, a jorrar numa torrente brutal, escorrendo pela perna da criança. De início, Esteno nem sequer sabia o que era, não fazia ideia de que nas veias da irmã corria aquele líquido vermelho e viscoso em vez do icor de que deveriam estar cheias, como uma criatura normal. Esteno e Euríale correram ao encontro da irmã, levantaram-na em braços e envolveram-na com as suas asas. Euríale lambeu o sangue cuidadosamente da pele de Medusa. Os gemidos cessaram e as lágrimas que lhe escorriam pelas bochechas desapareceram, deixando apenas vestígios ténues de sal que Euríale também lambeu. Medusa olhou fixamente para a pedra que a tinha magoado. Euríale não precisava de palavras para compreender. Levou as garras do pé ao encontro da pedra enquanto olhava para a irmã, que viu a pedra a fraturar-se e a despedaçar-se lá em baixo.

Depois disto, à medida que o vergão roxo e escuro que tinha na pele ia atenuando, Medusa olhava todos os dias para o lugar onde houvera uma pedra, esfregando a cicatriz, que lhe fazia comichão. E sorria, porque a pedra já não a podia magoar. Euríale tratara do assunto.

Quando Esteno chamava as irmãs para irem ao seu encontro — Euríale, descendo dos céus, Medusa, saindo da caverna —, saudava-as da mesma maneira: somos uma, mas somos muitas. Medusa respondia sempre como se tivesse feito uma pergunta (o que não era o caso): três não são muitas. E Esteno sorria

e estendia o braço para afagar o belo cabelo da irmã, que se lhe enrolava em caracóis densos e escuros em redor do rosto. *Tu és muitas por ti só.*

— Não sei o que queres dizer com isso — dizia a pequena.
— Eu sou só eu.

Até que, um dia, disse:

— Somos sempre três?

— O quê?

Esteno não compreendia.

— Nunca vamos ser mais de três? — perguntou Medusa. Estivera a observar as ovelhas que, naquele verão, tinham tido cinco cordeiros entre elas. No ano anterior tinham tido apenas dois.

— Não, querida. Vamos ser sempre três — respondeu Esteno. Medusa viu a sombra no rosto da irmã, mas não a compreendeu.

— Quem é que me deu à luz?

Esteno olhou para Euríale, que olhou para as ovelhas.

— Foi Ceto — respondeu Esteno.

— Quem é essa?

Esteno encolheu os ombros e disse:

— A tua mãe. E a nossa mãe também.

— Mas eu nunca a vi — disse Medusa. — Como pode ela ser a minha mãe? Pensava que vocês eram a minha mãe. — Olhou para uma e para a outra. — Se ela é a minha mãe, porque não está aqui?

Esteno e Euríale tinham ansiado pelo momento em que Medusa aprendesse a falar, mas, agora, Esteno começava a sentir que deveria haver um intervalo mais longo entre o momento em que uma criança diz as primeiras palavras e o momento em que começa a fazer perguntas sobre tudo o que vê e não vê, dos pássaros no céu ao vento no cabelo. Porquê, porquê, porquê. Esteno tentara dizer a Medusa que não sabia por que razão os corvos-marinhos voavam mais perto da costa do que as outras aves, ou por que motivo as suas ovelhas equilibristas gostavam de comer erva que a Medusa sabia tão mal, ou porque era o mar mais frio

do que a areia quando o sol batia da mesma forma em ambos. Esteno nunca tinha sequer reparado em nenhuma dessas coisas. Mas a falta de respostas não coíbia Medusa de fazer cada vez mais perguntas. Esteno olhou ansiosamente para a irmã.

— Estão no mar — disse Euríale.

— Quem?

— Os nossos pais. Tu tens dois pais: uma mãe e um pai.

Medusa franziu a testa.

— São peixes? — perguntou.

Euríale ponderou na resposta.

— Não — respondeu. — Não são peixes.

A pequena Medusa começou a chorar. As duas irmãs olharam uma para a outra, assustadas. Já se tinham habituado às mudanças de humor de Medusa, mas não deixava de lhes parecer estranho que estivesse a chorar por os pais não serem peixes. Quanto mais perplexas ficavam, mais Medusa soluçava.

— Não ias querer que os teus pais fossem peixes — apaziguou Esteno, pousando o braço em redor dos ombros da criança. — Como é que ias distinguir um peixe do outro? Não saberias se era o teu pai ou não.

— Mas os peixes são a única coisa que vive no mar! — lamentou-se Medusa.

— Não, não são — replicou Euríale. — Porque é que havias de dizer uma coisa dessas? Ainda só viste peixes no mar, porque são eles o que mais se aproxima da costa onde vives. Mas o mar vai muito para lá do que consegues ver daqui. É amplo e profundo e está cheio de criaturas e lugares que nunca imaginaste. Fórcis e Ceto vivem nos domínios mais profundos do oceano.

— E eu não conseguia viver lá?

— Não — disse Esteno rapidamente. — Afogar-te-ias se tentasses. Promete-nos que nunca irás além das rochas que já conheces. — Esteno apontou para as enormes rochas que formavam os lados da enseada.

Medusa anuiu.

— Prometo. Vocês conseguiam viver no mar?

Cada resposta dava azo a mais perguntas. Euríale fletiu as asas.

— Acho que não — disse. — Molhadas, as asas seriam demasiado pesadas para voar, julgo eu.

Esteno acenou a cabeça em concordância, uma vez que também não fazia ideia.

— E é por isso que vivemos aqui? — quis Medusa saber. — Porque não conseguimos viver no mar e eles não conseguem viver na terra?

— É isso mesmo — disse Euríale.

— Apesar de eles não serem peixes.

— Eles não são peixes.

— Como é que eles são? — perguntou Medusa. — São como vocês?

Euríale refletiu por instantes.

— Não, não são como nós — acabou ela por dizer. — Eles não são Górgonas. Fórcis é um deus marinho. Não tem asas. Tem escamas. E pinças enormes em vez de pernas. Ceto é... — Euríale levantou as furtivas sobrancelhas para Esteno, que não tinha nenhuma resposta para lhe dar. — Não sei bem como descrever Ceto — disse Euríale. — Nunca a vimos.

— Nunca?

— Ela vive nas profundezas do oceano, Medusa. Nenhum filho dela a viu.


Medusa continuou sentada, em silêncio. A torrente de perguntas parecia finalmente ter estancado. E as irmãs esperaram uma vez mais terem conseguido impedi-la de sentir aquilo que elas sabiam ser verdade: que ela era uma aberração cujo nascimento horrorizara ambos os pais. Esteno era imortal, Euríale era imortal, os pais, os avós e os irmãos dos pais delas eram imortais. Todos o eram, exceto Medusa. E os mortais eram criaturas às quais uma Górgona nunca prestaria qualquer atenção.

Ainda assim, ali estavam elas. Euríale a guardar o rebanho como se fosse um jovem pastor. Ambas as discutirem

ansiosamente a produção de leite. Esteno a pendurar as peles secas do gado à entrada da caverna para que Medusa não tivesse frio à noite, prendendo-as na rocha com a sua enorme presa. Todo o seu quotidiano mudara depois de terem assumido a tarefa de criar Medusa.

E como é que alguém poderia ter preparado Esteno para tamanha mudança? Esteno não sabia o que fazer com a dor que sentia; culpava-se até por sentir isso. Mas algures no seu corpo surgira um novo e estranho desconforto, que acabou por concluir ser medo. Medo! Numa Górgona! A ideia era absurda, revoltante. Mas era o que era; e ela não podia continuar a fazer de conta de que era outra coisa qualquer. Vivia permanentemente com a terrível sensação de que Medusa poderia não estar a salvo. Por isso, não só estava ela — uma Górgona — a sentir medo, como o sentia em nome de outra Górgona, que deveria ser tão insensível como ela outrora fora. Euríale sentia precisamente o mesmo, embora se sentisse demasiado envergonhada para o admitir. Esteno via na irmã a mesma agitação ansiosa que notava em si própria. Não admirava que Fórcis tivesse decidido deixar a bebé com elas. Nenhum deus marinho se permitiria sentir tão enfraquecido. Esteno arrepiou-se ao pensar no que tinha perdido: a doce sensação de ser dona de si mesma e dos seus sentimentos, de não ter quaisquer preocupações ou, se as tivesse, apenas passageiras. Tudo isso desaparecera, repentinamente substituído por um pânico frio e sufocante sempre que a criança tropeçava ou se escondia ou chorava.

Era amor, e ela sabia-o. E sentia-o, mesmo sem o querer.



Esta é a história de como uma jovem se tornou um monstro. E de como nunca foi, realmente, um monstro.

Única mortal numa família de deuses, Medusa é a mais nova das três Górgonas. Ao contrário das suas irmãs, Medusa envelhece, passa por mudanças, possui fraquezas. A mortalidade traz-lhe um sentimento de urgência e curiosidade que a sua família nunca conhecerá. Mas a sua vida, tranquila até aí, é subitamente devastada por Posídon, que a viola no templo de Atena. E a deusa, por sua vez, furiosa com a infâmia ocorrida no seu espaço sagrado, decide vingar-se — contra Medusa.

Punida pela luxúria de Posídon, Medusa vê-se transformada para sempre: em vez de cabelo, serpentes, e os seus olhos tornam todas as criaturas vivas em pedra. Amaldiçoada com o poder de destruir tudo o que ama com um mero olhar, nada lhe resta senão uma vida de solidão. Isto, até Perseu embarcar numa demanda em busca da cabeça de uma Górgona...

Aprofundando as origens de um conto mítico, Natalie Haynes revitaliza e reconstrói, com paixão e inteligência, a vida de Medusa, uma das primeiras histórias em que uma mulher é vítima da violência de um homem poderoso e, ainda assim, culpada, punida e tornada monstruosa, falando-nos ao coração com vigor e inabalável sentido de justiça.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Traduzida

 penguinlivros.pt
  topseller.editora

ISBN 9789896238742



9 789896 238742 >